

BARREIRO, Júlio. **Educación popular y proceso de concientización**. 10ª ed. México : Siglo Veintiuno Editores, 1985.<sup>1</sup>

(Síntese elaborada por Ana Inês Souza, incompleta)

**Apresentação** (p.9)  
Setembro de 1973

O livro é uma sistematização e reflexão de experiências realizadas com diferentes grupos em cinco países da América do Sul, por tempo superior a dois anos, em zonas urbanas e rurais e com grupos marginalizados. São experiências multidisciplinares que envolveram educadores, sociólogos, economistas, cientistas políticos, técnicos agrícolas, psicólogos, assistentes sociais, lingüistas, etc. (p. 13)

**Princípio educativo desta práxis pedagógica:** ninguém educa ninguém; ninguém se educa sozinho; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (p. 9/10).

**Pontode partida da Educação Popular:** o mínimo possível de ação das classes populares e os interesses espontâneos que ela reflete (p. 11). Ignorar isto é carecer de todo o sentido de estratégia política e de toda paciência tática.

As experiências recolhidas no livro, tiveram origem em pequenos e anônimos grupos de cristãos comprometidos com a sorte de seus respectivos povos (anteriores a Paulo Freire). Estes pequenos grupos funcionam como “faróis pilotos” que indicam o caminho até o novo homem e à nova sociedade (p. 11).

Outros métodos e formas (entre elas a de Paulo Freire) vêm se desenvolvendo, e todos nos falam da **cultura subjacente em nossas sociedades, criada, nutrida e em parte consumida silenciosamente pelos movimentos populares**, numa espécie de antecipação de **vir a ser**.

Dialeticamente, a não realização, como projeto social, momentaneamente, dos conteúdos desta cultura, expõe a prática da violência dos dominadores, revelando a imagem de uma sociedade caduca que se nega à própria história. (p. 12). **Esta cultura popular subjacente é a base da educação popular**. A EP, então, não está criando nada de novo – **a vida mesma de nossos povos está exigindo uma autêntica educação popular**.<sup>2</sup>

A urgência de resposta (à época) fez com que o autor dedicasse boa parte de seu livro a expor e discutir os diferentes critérios possíveis de EP (p. 12), a fim de num esforço didático, agrupar as experiências recolhidas em quatro grandes grupos, refletindo as posições mais relevantes, cujo denominador comum é a oposição entre as propostas educativas da classe dominante e **a busca de uma verdadeira ciência**

<sup>1</sup> Júlio Barreiro é teólogo e educador popular uruguaio. O seu livro foi publicado no Brasil pela Ed. Vozes em 1982, sob o título *Educação Popular e Conscientização*. Há também uma edição portuguesa *Educação Popular e Processo de Conscientização*, Lisboa : Livros Horizontes, 1978.

<sup>2</sup> Talvez precisemos recolher o que está sendo gestado de novo, de transformador, neste Brasil urbanizado de 2003, para a partir daí impulsioná-lo. Pesquisar e agir a partir da cultura urbana da periferia, aproveitando todos os ensinamentos que os movimentos camponeses podem nos dar, 30 anos após o trabalho de Júlio Barreiro é o grande desafio; só assim estaremos fazendo uma autêntica educação popular.

das classes dominadas, que possa traduzir-se em formas de ação política transformadora (p. 13).

## Capítulo I

### Educación popular: algunas alternativas para América Latina

#### 1.1. Educación Popular: algunas presuposiciones necesarias

Nem sempre os pressupostos de uma ação educativa, o que realmente a orienta, estão explícitos. A maneira de praticar a educação e o próprio modo de interpretá-la variam com os seus usos sociais (p. 16):

- a) quando ela era privilégio de alguns (“ócio”) era o caminho para o máximo desenvolvimento das potencialidades humanas;
- b) no início do processo de industrialização ela serviu ao aumento de mão de obra qualificada - adaptação ao novo modo de produção (“técnica social”, formadora de habilidades);
- c) na etapa do capitalismo monopolista expansionista ela é vista como “capital social” (inversão econômica, critérios de rentabilidade a curto e médio prazo para o capital).

**O autor demarca assim a diferença destas concepções da classe dominante e a educação popular cuja interpretação é fruto da própria prática de alguns grupos de educadores aos quais retorna como “uma ação que se pensa a si mesma”.**

O que há de comum entre esses grupos? (p. 18):

- a) a necessidade de transformações estruturais na América Latina
- b) programa histórico assumido pelo povo como tarefa sua
- c) necessidade de organização popular (mais ampla e mais crítica)
- d) a tarefa da EP é preparar os grupos/agentes
- e) programas de EP são instrumentos de formação-organização do povo durante durante o processo de transformação.

Tais programas têm seu fundamento numa visão não-idealizada (a sociedade é contraditória e as ações devem visar a superação dessas contradições).

As ações serão tanto mais eficazes quanto mais estiverem estabelecidas sob a viabilidade de participação mobilizada e crítica de seus agentes.

Estes agentes precisam de aportes/instrumentos que os capacite a viver, durante a sua ação, essa **dinâmica do concreto** na relação ação-reflexa, qual seja:

- a) crítica da realidade social vigente
- b) ação mobilizadora de transformação da realidade social
- c) revisão crítica da ação realizada
- d) reformulação da ação transformadora
- e) reavaliação crítica da realidade social

A EP tem que criar situações que permitam esta dinâmica (realidade existente-ação necessária) (p. 20) → “nível inicial mínimo de organização”.

**A questão da organização é o ponto crucial de uma ação transformadora.**

Educação Popular (instrumento de organização) → situação organizada → re-significação da realidade social → co-significação deste mundo redescoberto.

Ao contrário dos programas oficiais (adaptação) a EP deve instrumentalizar os agentes sociais no sentido de inadequação ao sistema opressor e, ao mesmo tempo, uma maior adequação aos processos através dos quais mobiliza a ação transformadora (p. 21).

## 1.2. La dimensión política del trabajo educativo

A atividade educativa tem usos sociais e intenções políticas (p. 21) e é a própria sociedade que o determina (respondendo aos interesses dos grupos dominantes) com influência decisiva do modo de produção e das relações de trabalho (infra-estrutura) (p. 22). Mas também das instituições e processos de educação (superestrutura), que possuem sempre, em qualquer sociedade:

- a) uma dimensão de especificidade pedagógica (modo de intervenção)
- b) uma dimensão de correspondência com outros modos de intervenção social buscando um mesmo “objetivo social” (política) (p. 23).

As respostas sociais interventoras não são determinadas na sua própria esfera (quem define as políticas educacionais, seus objetivos, etc. ?). Tais respostas são fruto da luta de classes ou disputa de hegemonia na sociedade, por conseguinte são ditadas pelos grupos dominantes em função de seus interesses, que controlam os modos específicos e os usos políticos da intervenção: mídia, escola, igreja, partidos, clubes de serviços, empresas, etc. (p. 23)

Os mesmos grupos que controlam os meios de produção, controlam os modos de intervenção (a educação é um desses).

Os objetivos proclamados dos programas oficiais de educação são:

- a) socialização
- b) elevação do nível cultural de todos
- c) preparação para o trabalho

Os objetivos não proclamados são (p.23-24):

- a) controle ideológico
- b) formação de valores e atitudes coerentes com o destino atribuído ao povo
- c) formação de mão de obra.

Segundo o autor há interesses políticos maiores no controle dos programas de educação de adultos (daí serem de realização mais conflitiva) por dirigirem-se à população economicamente ativa e com possibilidade de interferência política mais imediata<sup>3</sup> (p. 25).

A EP é claramente compreendida hoje (1973) como um instrumento de participação popular em processos de transformação da sociedade.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Não esquecer que o autor está escrevendo o livro nos primeiros anos da década de 70.

<sup>4</sup> E a direita também tem consciência disso nesse momento, daí o MOBREAL e outros programas afins)

Origem remota da educação popular: práticas de grupos cristãos comprometidos com intervenções sociais libertadoras.

A situação atual de definição (1973) é fruto de lenta conquista desses grupos, um educar-se a si mesmos na práxis (o processo de conscientização foi se estruturando em bases estruturais). Tal definição é provisória pois, **por princípio, a EP não se define a partir de si mesma, mas da exigências postas em cada momento histórico.**

### 1.3. De la educacion como oposicion a la educacion para la educacion como oposicion a la situacion<sup>5</sup>

Haviam duas situações:

- a) “utopismo pedagógico” (basta transformar as pessoas, conscientizar, pela educação para que elas se convertam em fator decisivo na transformação das estruturas sociais.
- b) “subestimação da pedagogia” (as transformações se dariam progressivamente a partir das várias esferas isoladas da sociedade (agricultura, política) e os educadores teriam papel restrito à educação (ou que esta estava acima das picuinhas políticas)

A maioria dos grupos reformulou seus fundamentos teóricos, o sentido e a estratégia de sua ação a partir da descoberta de que uma “ação libertadora não pode-se dar nos marcos das relações sociais, políticas e econômicas que destróem pela base tudo que a ameaça”. (p. 30).

### 1.4. La concientizacion de los concientizadores

A passagem de uma **análise culturalista** (princípios humanistas, origem cristã, contra a violência, reformas sociais, centrada no homem) para uma **análise estrutural-histórica** (princípios revolucionários, origem marxista, transformações sociais; centrada na classe) foi o mais radical momento de tomada de consciência pelos próprios educadores e se dá a partir do aprendizado com o próprio povo. Na análise culturalista havia ambigüidade pois apesar de na teoria ser oposta aos valores capitalistas, na prática acabava por manter o sistema pois era por ele absorvida. Segundo o autor, a ideologia popular, ainda que não totalmente clara, contém germes da luta revolucionária.

A prática e, principalmente alguns fracassos políticos paralelos à sucessos pedagógicos, conduziu alguns grupos de educadores populares à tomada de consciência de que:

- a) ainda que conflitando com valores cristãos, a conscientização só se daria com a explicitação junto com o povo, de sua própria ideologia<sup>6</sup>;

<sup>5</sup> Estudando a obra de Paulo Freire se percebe claramente esta passagem “da educação como oposição à educação” apresentada em sua tese “Educação e atualidade brasileira” (1959) para “a educação como oposição à situação de opressão” em “Pedagogia do oprimido” (1970). Aprendizado ocorrido na práxis e reconhecida pelo próprio Paulo Freire: “Creio que exagerei um pouco sua influência [da consciência] na feitura da história enquanto prática pedagógica e resvalei de quando em vez para posições idealistas que eu retifiquei, creio que definitivamente, na Pedagogia do Oprimido” (Entrevista à Revista Teoria e Debate, nº 17, 1º trimestre, 1992, p. 29).

- b) qualquer outra ideologia, ainda que com ela comprometida se torna ineficaz por ambigüidade
- c) o proletariado tem sua própria ideologia, ainda que não explícita.

## **Capítulo II**

### **Educacion Popular y proceso de concientizacion**

#### **Algunas tendencias en la interpretacion del proceso de conscientizacion en América Latina (p. 37)**

O autor classifica didaticamente quatro tendências mais relevantes da interpretação do processo de conscientização na América Latina, a partir da compreensão de que:

- a) o povo é sujeito de sua própria história (inclusive da superação da situação de opressão)**
- b) uma das conseqüências da situação de opressão é de que os oprimidos não tem consciência de si mesmos enquanto classe oprimida.**

Era então necessário estabelecer uma metodologia educativa de descobrimento dos fatores de opressão e dos processos de transformação (não do homem para manter a sociedade; mas da sociedade para humanizar o homem).

Para tanto, dois desafios estavam postos:

1. organizar-se metodológica e programaticamente a partir da categoria conscientização;
2. vincular-se a projetos políticos determinadores da EP, como alternativa de ação, porque são através deles que se dirige a vanguarda estratégica da luta libertadora.

A resposta a tais desafios não era homogênea entre os grupos de EP pois a conscientização tinha uma intencionalidade política (o método segue o conteúdo) e os grupos trabalhavam de acordo com convicções próprias, experiências múltiplas, aprendendo na prática, revendo posições, reafirmando outras (e as experiências estavam acontecendo, não era um ver a posteriori).

A sistematização feita por Júlio Barreiro não foi uma tarefa fácil, por isso ele diz que é ao mesmo tempo: simples, perigosa e provisória.

#### **O esforço didático do autor, parte de duas questões (problemas de pesquisa para ele, que o são da própria educação popular):**

1. Como compreender e definir para a prática política as bases conscientizadoras de uma atividade educativa? (ausência de uma teoria da EP)

---

<sup>6</sup> Olhando de 2003 para trás nos parece que a Teologia da Libertação acabou por diluir tais conflitos. Diz Paulo Freire: “Eu nunca neguei a minha camaradagem com Cristo e nunca neguei a contribuição de Marx para melhorar a minha camaradagem com Cristo. Marx me ensinou a compreender melhor os Evangelhos. Quem me apresentou a Marx foi a dor do povo quando eu trabalhei no SESI, quando eu fui menino do mundo, dos rios de Jabotão, foi a miséria, a deteriorização física, a morte. Sou um pedagogo também dessa revolta, da indignação. Fui a Marx e não descobri razão nenhuma para não continuar a minha camaradagem com Cristo.” (Teoria e Debate nº 17, 1992, p. 38)

2. Como se processam e se estruturam a consciência popular e o processo de conscientização? (noções de psicologia social coerente com o referencial teórico adotado)

A opção epistemológica do autor (a teoria que serve como base de análise) é a histórico-dialética (base marxiana), o que fica evidente no esquema traçado nas páginas 41 e 42 (análise estrutural da sociedade):

Uma sociedade classista está dividida entre alguns grupos opressores e uma grande massa de oprimidos → os opressores, na mesma medida em que submetem aos oprimidos a fim de que “transformem o mundo” a seu favor → impõem sobre os oprimidos sua própria interpretação da realidade social. → Como resultado, fortalecem interdependentemente: uma sociedade dicotômica e classista, uma cultura “do povo” (alienada, por não ser capaz de interpretar sem seus próprios valores, sua própria situação); pessoas não conscientes dos fatores da situação social. → Por um lado, os sistemas educacionais instituídos pelos grupos opressores lhes servem, reforçam suas posições, contribuindo para a manutenção do “sistema opressor”. → Por outro essa situação social é injusta e deve ser transformada em suas próprias bases, através de processos de efeito transformador assumidos pelo povo oprimido, que necessita conseqüentemente conscientizar-se, instrumentalizar-se, organizar-se.

Se um momento definido e necessário de conquista das condições de agenciamento das transformações sociais, é obtido através de uma *tomada de consciência popular* em que se reformula o quadro interno de referência dos oprimidos, que podem organizar-se crítica e conscientemente a partir desse ponto até a transformação da estrutura social opressora → se justifica a realização de projetos de *atuação política e metodológica educativa*, que se tornem fatores dessa tomada de consciência e da instrumentalização objetiva e necessária a uma participação eficaz em projetos de transformação, de compromisso popular cada vez mais intenso, mais radical, mais complexo e mais decisivo. → Essa educação popular (conscientizadora, libertadora, revolucionária) não pode ser instituída pelos representantes do sistema opressor. Ela é instituída por seus opositores e conseqüentemente, ainda que possa subsistir na sociedade classista, serve não a ela, mas a projetos políticos que implicam sua superação.

**Júlio Barreiro, então organiza as experiências recolhidas em quatro grupos ou tendências, a partir do modo como eram interpretados a consciência popular e o processo de conscientização.**

O método de exposição adotado pelo autor foi:

- a) apresentação dos elementos principais de cada uma destas tendências de forma descritiva
- b) um esquema (quadro) resumido para compará-las (mas não são totalmente excludentes, muitos desses elementos são comuns a mais de uma tendência).

**1ª tendência: A conscientização como descobrimento da dimensão da pessoa humana e como compromisso com suas conseqüências (como é o homem e como está em seu mundo? Aqui este mundo, com o qual o homem se relaciona é muito abstrato. Filosofia personalista.)**

**2ª tendência: A conscientização como conquista da consciência transitivo-crítica ao longo de uma escala progressiva de descobrimentos relacionais (aqui**

o mundo é definido como sociedade em trânsito de uma época fechada, agrária, para uma época de maior abertura, industrial. Paulo Freire, 1ª fase. Ideologia do desenvolvimentismo. Tese de docência)

3ª tendência: **A conscientização como passagem da consciência oprimida até a consciência da opressão (uma reinterpretação da segunda tendência por seus próprios instauradores; a consciência oprimida reflete a consciência do opressor assumindo como sua a visão de mundo do dominador; aqui a sociedade aparece como dividida entre opressores e oprimidos; Paulo Freire, 2ª fase). Esta é a mais praticada. Paulo Freire desenvolveu as teorias da ação dialógica (ação cultural libertadora) e antidialógica (ação cultural de dominação) (Pedagogia do Oprimido**

4ª tendência: **A conscientização como emergência da existência oprimida até a consciência do oprimido (mais teórica do que praticada, esta tendência procura aprofundar a 3ª, trazendo elementos da psicanálise para tentar entender a situação e as possibilidades pessoais de conscientização: (p. 81)**

- a) quanto à dificuldade de tomada de consciência crítica devido a bloqueios estruturais de efeitos pessoais;
- b) quanto a princípio correspondentes que deveriam guiar intervenções conscientizadoras junto ao povo.

**Para se entender a primeira tendência** (centrada na pessoa humana) precisa-se saber:

- **quem é o homem e como ele está no mundo?** Ele é capaz de transcender sua corporeidade; mundo da natureza → mundo da cultura (objetos, valores, relações) → frente à sua circunstância o homem se coloca com possibilidade de relações (não apenas contato com os animais)

→ a mesma capacidade criadora frente ao mundo, pode se estender para as relações para as relações (encontro entre os homens); afirmando sua individualidade ele se integra no grupo, enquanto os animais têm sua individualidade fundida, indiferenciada no grupo biológico

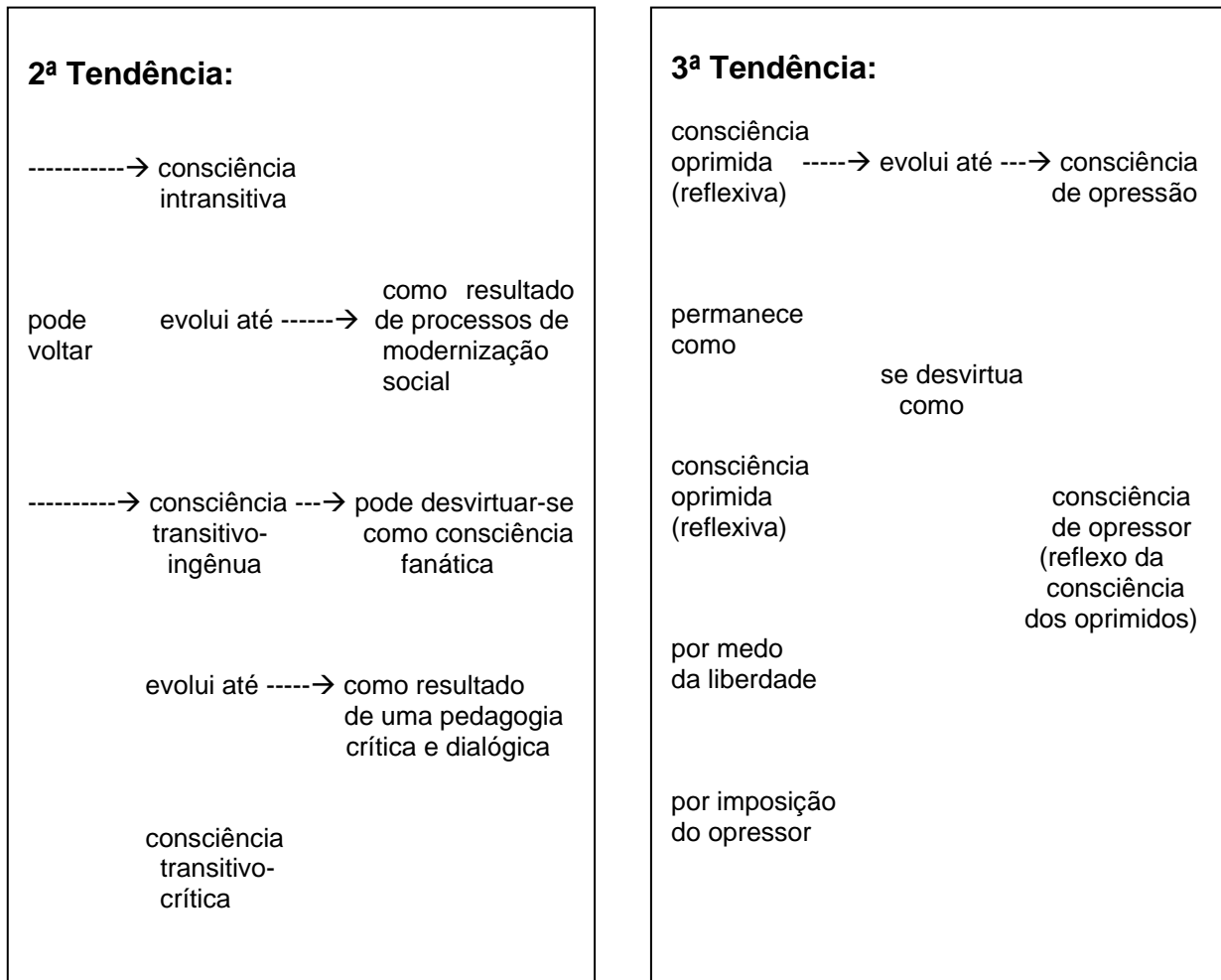
→ na possibilidade de transcender-se a sua corporeidade e ao mundo, o homem toma consciência-de-si e consciência-domundo (objetivando-o) e, com ela a consciência do outro.

Influência da Filosofia Personalista (Bergson, Gabriel Marcel, Maritain, Emmanuel Mounier)

**A segunda tendência, mantém a preocupação sobre o homem, mas discute sua consciência como resultado do desenvolvimento da própria sociedade.** Discute-se níveis de consciência associado ao desenvolvimento econômico-industrial da sociedade. Paulo Freire tratou disso na sua Tese de 1959. Era um momento em que desenvolvimento ligado à industrialização, era a palavra de ordem. A sociedade brasileira transitava de um passado colonial escravocrata para um período de industrialização e democratização. Havia uma efervescência de idéias. Cumpria-se o Plano de Metas do Governo JK (50 anos em 5). (Ver esquema a seguir). Foi a base do MCP, no Recife; os processos de alfabetização (Angicos, RN e outros), etc.



tal passagem é complexa. Daí que o autor considere que houve uma mudança radical na passagem das interpretações da 2ª para a 3ª tendência.<sup>8</sup>



### Porque o indivíduo não pode conscientizar-se?

1. Porque resulta ameaçador romper com o quadro de referência da sociedade → terá que fazer opções.
2. A quebra de tal quadro de referência implica mudança radical na forma de situar-se e relacionar-se com a sua própria substância.
3. Os dominadores controlam ao mesmo tempo:
  - os meios de produção (poder econômico)
  - as relações sociais (poder social)
  - a organização da cultura de interpretação da realidade (poder do saber)

↓

<sup>8</sup> Na verdade ambas as tendências têm como centro o pensamento de Paulo Freire e sua equipe em dois momentos distintos de suas práticas, que refletem o próprio momento histórico vivido. Pedagogia do Oprimido é escrito durante o exílio. Experiência que iria interferir nas formas de interpretação da sociedade e da consciência humana.



**Ação cultural premeditada para manter as relações de opressão**, agindo direta ou indiretamente sobre:

- a organização sócio-política dos oprimidos
- as relações interativas interclasses e intraclasses
- representações e significações da sociedade



Ação cultural de dominação (antidialógica)<sup>9</sup> se concretiza através da:

1. **Divisão:** fragmentação da classe trabalhadora (formas focalistas de ação e solução de problemas); localismo (“programas de desenvolvimento das comunidades”); etc.
2. **Conquista:** cooptação; adesão ao projeto burguês (“comunicados reificadores”; mistificação da realidade; heteronomia; introjeção do opressor pelo oprimido)<sup>10</sup>.
3. **Manipulação:** atitudes paternalistas, assistencialistas (pactos populistas)<sup>11</sup>
4. **Invasão Cultural:** penetração no contexto cultural dos invadidos (extensão rural, universitária, etc) impondo a visão de mundo dos invasores; massificação (mídia); freio à criatividade<sup>12</sup>.

Introjeção do opressor → → → → → → → → → → “eu” quase aderido ao tu  
por parte do oprimido                      dualidade existencial                      opressor<sup>13</sup>



“Medo da Liberdade” (reproduzido na família, na escola, etc. através de práticas como “transferir”, “levar”, “entregar” ao povo seus conhecimentos, suas técnicas<sup>14</sup>. Os programas de ação envolvem finalidades, convicções e anseios de quem os executa (“o povo é considerado inculto”)



A antidialogicidade daqueles que convencidos de sua opção revolucionária continuam não acreditando no povo, pode ser explicada pela dualidade<sup>15</sup>.



**Renunciar ao ato invasor significa romper com a dualidade<sup>16</sup>**



“Submetidos ao condicionamento de uma cultura do êxito e do sucesso pessoal, reconhecer-se numa situação objetiva desfavorável, para uma consciência alienada, é frear a própria possibilidade do êxito”<sup>17</sup>.

Esta introjeção da cultura dominante pelos dominados é um dos sérios problemas que a revolução tem de enfrentar na etapa em que chega ao poder<sup>18</sup>.

<sup>9</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 139.

<sup>10</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 135.

<sup>11</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 145.

<sup>12</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 150.

<sup>13</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 153.

<sup>14</sup> Ídem.

<sup>15</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 154.

<sup>16</sup> Sobre isto ler de P. Freire, o livro Extensão ou Comunicação?

<sup>17</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 155.

<sup>18</sup> Idem.

**Ação cultural para a libertação – Teoria da Ação Dialógica** (resposta dos oprimidos à ação antidialógica): “eu” e “tu” em comunhão, em colaboração (reconhecer o outro como capaz → **auteridade** (não o meu espelho); “sujeitos que se encontram para a pronuncia do mundo, para a sua transformação”<sup>19</sup>)

↓

**“problematização da própria opressão”**

↓

(problematizar não é sloganizar, é exercer uma análise crítica sobre a realidade problema – “humildade revolucionária”<sup>20</sup>)

↓

**comunicação horizontal**

↓

A resposta aos desafios da realidade problematizada é já a ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la<sup>21</sup> e implica:

**1. Colaboração:** “fusão” entre liderança e massa; comunhão, encontro dos homens; comunicação, reconhecimento do outro. A denúncia do regime que segrega e engendra injustiça e miséria deve ser feita **com** suas vítimas a fim de buscar a libertação dos homens em **co-laboração**<sup>22</sup>.

**2. União:** para este esforço o primeiro passo é **desmistificar** a realidade, desideologizar as práticas cotidianas e o senso comum. Desaderência do indivíduo à realidade mitificada. Reintegrar o cognitivo, o afetivo e o ativo - totalidade não dicotomizável no homem integral - dividido pela opressão.<sup>23</sup> → União dos oprimidos → relação solidária → consciência de classe → consciência da opressão.

**3. Organização:** destaca o papel do testemunho da liderança que ao buscar a união já busca a organização. A disciplina necessária à organização é diferente de condução pura das massas. A **teoria dialógica**<sup>24</sup> nega o autoritarismo, a licenciosidade, a transferência ou imposição anti-pática e afirma a autoridade, a liberdade, a delegação ou adesão sim-pática. “A organização é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos o aprendizado da autoridade e da liberdade verdadeiras que ambos, como um só corpo, buscam instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza”<sup>25</sup>.

**4. Síntese Cultural**<sup>26</sup>: Como ação deliberada e sistemática, toda ação cultural tem sua **teoria** que, determinando seus **fins**, delimita seus **métodos**.

A estrutura social vive um permanente movimento dialético permanência-mudança<sup>27</sup>. Superar as contradições antagônicas que obstaculizam a humanização é o fim da ação cultural (não eliminar o movimento dialético). Para tanto é necessário realizar uma **investigação temática e ação**<sup>28</sup>.

<sup>19</sup> Ver Pedagogia do Oprimido, p. 166.

<sup>20</sup> Idem, p. 169.

<sup>21</sup> Idem, p. 167.

<sup>22</sup> Idem, p. 171.

<sup>23</sup> Idem, p. 172.

<sup>24</sup> Idem, p. 177.

<sup>25</sup> Idem, p. 178.

<sup>26</sup> Ibidem.

<sup>27</sup> Idem, p. 179.

<sup>28</sup> Idem, p. 180.

Tem que haver uma integração pessoal, convivência, dos trabalhadores sociais/liderança/atores no meio do povo (contato direto)<sup>29</sup>.

**Como se dá, em termos pessoais, a conscientização do oprimido? (p.76)**

Aqui o autor trata daquilo que ele Dois problemas:

a) “medo da liberdade” (defesa frente a uma situação desequilibrante

---

<sup>29</sup> Ibidem.